



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Nenhum direito a menos

Inundam as redes sociais com a mesma força das águas de março manifestações em defesa dos direitos das mulheres. Muitos homens com visibilidade também levantam a bandeira e se comprometem a entrar na luta. Este mês da mulher começou com a

lembrança de que esse é um acordo social incontestável.

Subimos aos palcos e estampamos páginas de jornais para contar nossas histórias e jogar luz a pesquisadoras que nos alertam sobre dados alarmantes de violência, impacto econômico e subjugação. E repetimos mais e mais vezes que tudo isso não pode ser naturalizado, a vigilância precisa se estender a todos os meses, dias e horas do ano.

Na última semana, Brasília recebeu Maria da Penha, uma das palestrantes do

Movimente, evento do Sebrae, para falar de sua história e também da potência do empreendedorismo feminino. Mesmo depois de ter sido quase morta por duas vezes, vítima de um ex, ela teve sua história contestada e precisou voltar a contar com proteção especial após receber ameaças, novamente, por ser quem é: uma mulher, vítima de violência, símbolo da luta feminina por sobrevivência e que dá nome à legislação que é exemplo mundial.

Revitimização não é minimi. É o equivalente à tortura, mais desrespeito e violência num

país onde essa é a principal arma usada para nos manter caladas. O silêncio que a vítima de estupro coletivo no Rio de Janeiro rompeu para levar à cadeia os crimonosos que a enganaram e a fizeram, por minutos de dor escruciante, duvidar de si mesma. “A lei precisa ser efetivada, não apenas celebrada”, ressaltou Maria da Penha.

Também tive o privilégio de participar do Movimente, em uma mesa para discutir políticas públicas. Além de ressaltar a importância de ações voltadas ao público feminino, sejam programas de acolhimento, sejam

de incentivo financeiro e ajuda na criação de networking, falamos sobre educação e sobre o papel da imprensa.

Em tempos em que a crise de curadoria se agrava, excesso de informação também é desinformação, e cabe a nós, jornalistas, evoluirmos em coberturas de pautas relacionadas à igualdade de gênero e também fazer com competência aquilo que sempre nos dedicamos a fazer: exaltar histórias de sucesso, denunciar violações e ouvir de quem entende as orientações para um caminho menos árduo para todas nós.

Fotos: Mariana Reginato/CB/D.A Press



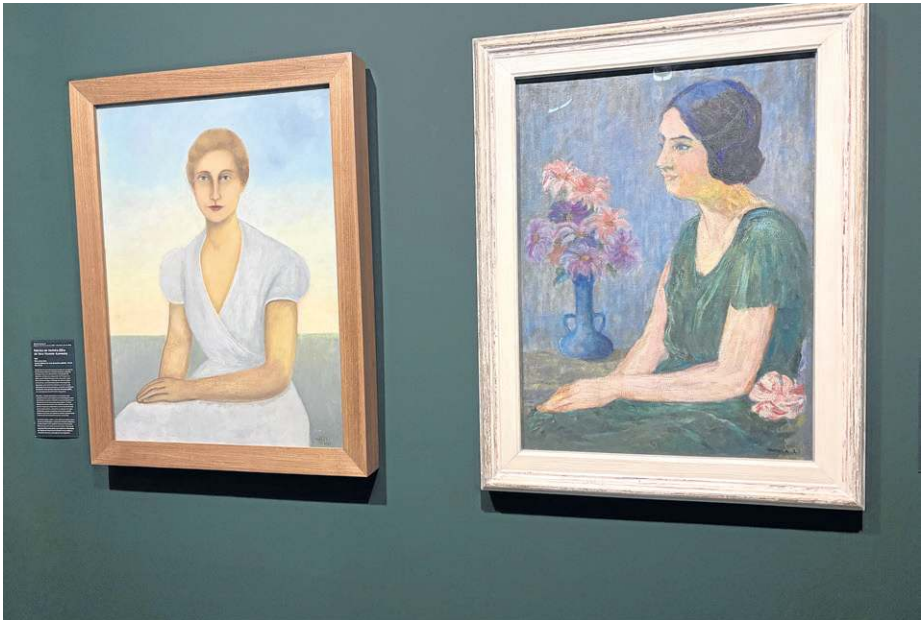
Fran Favero: Tarsila foi um fio-condutor para a gente conversar sobre tantas outras coisas que têm a ver com esse universo das mulheres

Decifrando Tarsila

No Dia Internacional da Mulher, o Centro Cultural TCU realiza roda de conversa sobre mulheres no Modernismo baseado na exposição de uma das pintoras mais importantes do Brasil



Operários, de 1933, é um dos grandes quadros da pintora e representa a industrialização de São Paulo



À esquerda, Retrato de Verinha (filha de Vera Vicente Azevedo) de 1927, e Retrato de Fernanda de Castro, de 1922

» MARIANA REGINATO

O Dia Internacional da Mulher no Centro Cultural TCU foi voltado a pintoras que marcaram a história da arte nacional. Com programação que homenageava nomes como Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Djanira, uma roda de conversa discutiu como essas mulheres foram centrais em movimentos artísticos, mesmo que a história tenha tentado apagar a participação fundamental delas na arte brasileira.

Para isso, a professora de história da arte no Instituto de Artes da UnB, Maria do Carmo, e a artista visual, gestora, pesquisadora e curadora, Fran Favero, apresentaram obras e histórias de pintoras com base na exposição de Tarsila do Amaral que está aberta ao público no Centro Cultural TCU. A mediação foi realizada por Juliana Insua, formada em Teoria, Crítica e História da Arte e em Artes Visuais pela Universidade de Brasília.

A exposição Transbordar o mundo: os olhares de Tarsila do Amaral, apresenta 63 obras da artista e explora o modernismo. As obras vieram de diferentes acervos como o Museu de Arte de São Paulo, da Pinacoteca e de

colecionadores de arte. A visitação é gratuita e os quadros estarão expostos até 10 de maio, das 9h às 18h, no Centro Cultural TCU.

Elisa Bruno, diretora do Centro Cultural TCU, comenta que Tarsila do Amaral, apesar de atualmente ser vista como uma das grandes pintoras do país, também passou por dificuldades como mulher. “Mesmo Tarsila tendo estudado fora do país, mesmo tendo todos os recursos que tinha, ela é delegada ainda a segundo plano como criadora”, comenta Elisa, ressaltando que a pintora não participou da Semana de Arte Moderna de 1922, grande evento da época.

Mesmo assim, a exposição no local está sempre lotada de jovens e adoradores da artista. “As pessoas têm esse apego com ela, tanto que a galeria não para. A visita está sempre cheia de estudantes que tiveram o primeiro contato com ela pelos livros didáticos e reconhecem a importância dela pelo período e pela estética. Ela é realmente uma das maiores pintoras do Brasil”, destaca Elisa.

Realizar esse bate-papo no Dia Internacional da Mulher adiciona uma sensibilidade ainda maior. “É uma forma de homenagear a mulher a partir de uma figura que foi tão emblemática

» SERVIÇO

Local: Centro Cultural TCU
Endereço: Setor de Clubes Esportivos Sul, Trecho 3, Lote 3, 1º Subsolo
Data: até 10 de maio
Horário: das 9h às 18h

para o modernismo e para toda a história brasileira da arte e da cultura. Foi uma mulher que marcou um tempo com formas, com cores, com todo esse movimento da antropofagia”, afirma a diretora do Instituto Serzedello Corrêa, Ana Cristina Novaes, responsável pelo Centro Cultural TCU.

As diretoras comentam que o momento traz reflexão para aqueles que frequentaram a roda de conversa. “Tarsila tem uma comunicação interessante, porque ela é inovação e o que é genuinamente brasileiro ao mesmo tempo. Faz todo sentido trazer essas conversas nesse cenário de números tão altos de violência contra a mulher no país”, afirma Elisa Bruno. Ana Cristina complementa que discutir o papel da mulher contribui para a formação cidadã e o evento

também é uma forma de democratizar o acesso à arte e à cultura.

Juliana Insua, graduada em teoria, crítica e história da arte e em artes visuais pela Universidade de Brasília (UnB), comenta que além de Tarsila, o evento celebra as mulheres na arte brasileira. “Além da importância de Tarsila, estamos apresentando outras mulheres como Zina Aita, Anita Malfatti e Regina Graz. A gente não pode se esquecer que a exposição foi realizada por mulheres e isso é um ponto muito simbólico, porque quando a gente apresenta uma mulher no olhar de outras mulheres, fica de fato muito especial”, elogia Juliana.

No evento, foi abordada a trajetória de mulheres na arte desde o século XIX. “Foi uma conversa muito rica e é um momento importante para a gente ver que eventos como esse dão muito certo e não devem ser valorizados só no Dia da Mulher. A gente não pode se esquecer, também, que esse tipo de celebração tem que ser corriqueira, e não pontual. Espero que as pessoas curtam a exposição e que tenham mais partilhas como essa de hoje”, destaca. A professora Maria do Carmo acredita que o evento abre espaço para discussões sobre as condições das mulheres no século XXI, além

de trazer sensação de empoderamento, reconhecer e valorizar as mulheres.

Fran Favero, artista visual, gestora, pesquisadora e curadora, destaca que foi um dia muito importante. “É um dia de luta, é um dia de conversa muito relevante. Estar aqui e pensar nessa grande mulher artista como um mote de uma conversa sobre muitas outras mulheres. A Tarsila foi um fio-condutor para a gente conversar sobre tantas outras coisas que tem a ver com esse universo das mulheres”, ressaltou. “Serve para gente falar sobre resistência, feminismo e isso dentro de uma espaço institucional, com essa validação institucional, traz outra camada de importância para o que foi realizado”, comenta a artista.

Envolvidas na educação, Maria do Carmo e Fran Favero destacam que é relevante rever como a história das mulheres é ensinada. “É preciso olhar além do material que chega, olhar para suas instituições de maneira crítica, não de maneira passiva, e tentar criar situações em que essa valorização seja maior. Quem é artista precisa trazer esse referencial histórico das mulheres dentro das suas produções, abraçar esse legado e honrar, ainda que de maneira crítica, porque contrariar é também falar sobre”, afirma Fran